

LETRAMENTO NA SALA DE AULA: O QUE DIZ UMA PROFESSORA DE UMA ESCOLA QUILOMBOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

Benedito Eugenio¹

Isa Maria de Novais Azevedo²

RESUMO

O texto apresenta os resultados de uma pesquisa sobre letramento em uma escola quilombola rural de Vitória da Conquista – Bahia. A metodologia utilizada para a produção dos dados é qualitativa e de vertente etnográfica. Para a produção dos dados, foram realizadas observações e entrevista. O objetivo é compreender as concepções e contribuições do trabalho com os eventos de letramentos de uma docente em uma turma do 4º ano em uma escola quilombola. Os dados apontam para a presença de diferentes elementos para que a docente construa sua concepção de letramento, a exemplo da formação continuada, do livro didático e dos saberes produzidos ao longo da docência.

Palavras-chave: Eventos de letramento; Ensino de Língua Portuguesa; Educação Escolar Quilombola.

LITERACY IN THE CLASSROOM: WHAT A TEACHER FROM A QUILOMBOLA SCHOOL IN THE MUNICIPAL EDUCATION NETWORK OF VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

ABSTRACT

The text presents the results of a research on literacy in a rural quilombola school in Vitória da Conquista - Bahia. The methodology used to produce the data is qualitative and ethnographic. For data production, observations and interviews were carried out. The objective is to understand the conceptions and contributions of the work with the literacy events of a teacher in a 4th grade class in a quilombola school. The data point to the presence of different elements for the teacher to build her conception of literacy, such as continuing education, the textbook and the knowledge produced during teaching.

Keywords: Literacy events; Portuguese Language Teaching; Quilombola School Education.

¹ Doutor em Educação (UNICAMP). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e dos Programas de Pós-graduação em Ensino (PPGen) e Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC). Email para contato: benedito.eugenio@uesb.edu.br

² Mestra em Ensino (UESB). Professora na Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista-BA. Email para contato: novaisisa009@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva compreender as concepções e o trabalho com os eventos de letramentos de uma docente de uma turma do 4º ano de uma escola quilombola, especificamente nas aulas de língua portuguesa.

Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, pois “a aprendizagem e também o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos, evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes” (SOARES, 2021, p. 27).

Para completar e ampliar as reflexões sobre o conceito de letramento, que é o eixo fundamental deste artigo, pautamo-nos nas ideias de Soares (2021), que define o letramento como a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e escrita em contextos reais, de forma que todo esse processo faz com que o indivíduo torna-se capaz de utilizar a escrita de forma deliberada em diversas situações sociais e essa construção se dá com um trabalho contínuo de planejamento sistemático por meio de inserção no mundo da escrita pelas interações sociais e orais, considerando a significação de que a escrita e a leitura tem na sociedade.

Neste contexto, buscamos algumas contribuições de algumas autoras como Soares (2021, 2004); Kleiman (2016), Rojo (2012), dentre outros. O artigo está assim organizado: primeiramente, situamos a metodologia e o lócus da pesquisa; na sequência, apresentamos algumas considerações sobre o letramento na escola e finalmente apresentamos e analisamos os dados da pesquisa.

1. A METODOLOGIA E O LÓCUS DA PESQUISA

Os dados foram construídos por meio de uma pesquisa etnográfica realizada em uma escola quilombola rural, pertencente à comunidade do Ato Cabeceira, que se localiza no município de Vitória da Conquista - Ba, situada na região de José Gonçalves, um dos maiores do município, está localizada a 25 km de distância da cidade de Vitória da Conquista. É uma escola de grande porte, funciona nos três turnos, atende aos estudantes da Educação infantil até o 9º ano

e a Educação de Jovens e Adultos e constituída por 07 salas de aulas, 01 sala de leitura, 01 secretaria, 1 sala dos professores, 1 banheiro, 1 cozinha, 1 despensa e 1 cômodo pequeno onde são guardados materiais e limpeza.

A metodologia adotada foi baseada na abordagem qualitativa que permite dialogar, criar sentidos e significados. A pesquisa qualitativa situa o pesquisar na realidade social:

[...] nas pesquisas qualitativas os dados coletados são predominantemente descritivos, partindo da análise do pesquisador e de sua compreensão do todo para a reflexão sobre o que pode ser ou não elucidado, pois a descrição deve possibilitar um diálogo com o objeto. [...]. Isso porque a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, pois é nessa fase que se constrói as hipóteses que nortearão a própria pesquisa e possibilitarão a formulação descritiva necessária para a construção de um novo conhecimento. (SILVA, 2014, p.110)

Na pesquisa qualitativa as interações entre pesquisador/a e participantes são indispensáveis, devido às questões referentes à subjetividade de ambas as partes, pois estão interligadas no contexto da investigação. Para a produção dos dados, realizamos uma pesquisa etnográfica que contou com observações de uma sala de aula durante 6 meses e entrevistas com a docente.

As pesquisas etnográficas consideraram, desde o princípio, a observação participante como técnica de geração de dados, isto é, a realização de toda pesquisa etnográfica pressupõe o trabalho de campo com vigor e de longa duração exercido pelos pesquisadores.

A etnografia não pode ser vista e relacionada a uma dimensão meramente técnica e que sirva apenas como forma de coleta de dados. Oliveira (2013) diz

Contudo, essa perspectiva, extremamente recorrente, implica em um equívoco epistemológico profundo, pois os dados não estão simplesmente postos, pronto para serem coletados pelo pesquisador; a etnografia pressupõe não uma coleta, mas sim uma construção dos dados, que se dá em meio ao processo intersubjetivo que se estabelece entre pesquisador e pesquisado. A etnografia demanda a capacidade de compreender o que os outros pensam sobre o mundo, sobre si mesmos e, por que não?, sobre o pesquisador e o que ele está fazendo em campo. (OLIVEIRA, 2013, p. 71)

Para Eugenio (2017, p. 60), “Nos estudos etnográficos, o pesquisador deve preocupar-se em compreender/apreender a realidade na perspectiva dos sujeitos

estudados.” Por esta vertente, a etnografia se destaca ganhando visibilidade e seu emprego se dá em diversas áreas como Sociologia, Psicologia, Educação, Linguística Aplicada, dentre outras.

A instituição escolar deve ser compreendida no centro da dinâmica social, a heterogeneidade é que a apresenta como um campo de diferenças. O espaço escolar é o lugar privilegiado que possibilita a experiência das relações que ali se estabelecem, conflitos e desdobramentos, os diálogos que emergem, e por sua vez, oportuniza a melhor compreensão da forma como a escola responde ao compromisso e à responsabilidade de ensinar a todos, além de promover a socialização, os processos de reprodução, ligados às questões social e cultural, onde os sujeitos são determinados por suas ações e posições que venham a ocupar.

Eugenio (2018, p.12) ressalta que “Toda essa diversidade de significados enlaça-se a variadas tramas que tecem em torno dos acontecimentos diários da escola uma malha com conflitos e com alianças estabelecidas no cotidiano escolar”. Ainda segundo o autor, ao realizar pesquisas no campo educacional, a escola deve ser compreendida como

[...] espaço social e cultural onde diariamente convivem diferentes sujeitos sociais que se relacionam entre si a partir da atribuição de diferentes significados à vida, à escola, à sociedade, ao gênero/etnia, à docência, a partir dos diferentes postos e funções que ocupam no interior da escola [...] (EUGÊNIO, 2018, p. 12).

Embasados nesse pensamento, apresentamos categorias que contribuíram para a produção dos dados da nossa pesquisa, resultantes da entrevista com a professora. Segundo André (2008), ao se propor uma investigação acerca do cotidiano escolar, deve se basear, menos com um trabalho de mera descrição das ações inseridas nesse ambiente e mais com uma visão holística que valorize quatro dimensões importantes: subjetividade/pessoal; institucional/organizacional; instrucional/relacional e sociopolítica, considerando todos os elementos inseridos no contexto de interações e influências.

Apresentamos, a seguir, a professora colaboradora da pesquisa, nomeada como Júlia. A professora Júlia tem 42 anos e reside numa comunidade vizinha à escola pesquisada. Possui experiência como docente há nove anos. Seu ingresso na

educação se deu inicialmente por um desejo iniciado desde a época de estudo nos anos iniciais. Concluiu o curso de magistério nos anos 2000. Trabalhou como educadora social no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Em 2012 foi aprovada numa seleção de contrato temporário para atuar na educação. Sua primeira graduação foi em Serviço Social. Posteriormente optou por fazer a segunda graduação em Pedagogia, visando participar das futuras seleções promovidas pela Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista - BA e atuar como professora.

A primeira oportunidade de trabalho na educação, após realização e aprovação na seleção, foi para trabalhar em uma turma do 1º ano regular e 4º e 5º anos multisseriados, na zona rural, nos anos de 2013 a 2014. Após o processo seletivo de contrato temporário, a docente solicitou do setor de Recursos Humanos da Secretaria Municipal de Educação a lotação na comunidade onde residia. Por residir próximo à comunidade, a professora foi lotada no Círculo Integrado de Cabeceira entre 2015 e 2016, e assumiu a função de regente na educação infantil.

Em 2017 a docente concluiu a primeira especialização em Letramento e Alfabetização. Em 2019, após novo processo seletivo, foi convocada e reassumiu a função na regência em uma creche. Por questões pessoais, solicitou a saída da instituição e seu pedido deferido, voltou a dar aula no Círculo Integrado que já conhecia. Concluiu outra especialização em Psicopedagogia. Sempre interessada em se aperfeiçoar na profissão, foi contemplada com uma especialização em Pedagogia Histórico-crítica oferecida pela Universidade Federal da Bahia à professores da rede municipal de ensino.

A professora atua na regência da escola pesquisada nos dois turnos, matutino com a turma do 4º ano e no vespertino em uma turma multisseriada de 2º/ 3º anos. Sua prática pedagógica é aperfeiçoada com base nas especializações e nas experiências passadas, tendo como inspiração os professores da época de sua alfabetização até a 4ª série (hoje 5o ano).

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O LETRAMENTO NA ESCOLA

O conceito sobre Letramento e sua introdução no vocabulário da área educacional ocorreu em meados de 1980. Segundo Soares (2021, p, 63) “seu

surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita [...]”, desse modo, todas essas práticas foram adquirindo visibilidade e relevância à proporção que as atividades profissionais e questões referentes à vida social tornaram-se dependentes da língua escrita.

De acordo com as ideias de Soares (2021, p. 63), a afirmação “alfabetização não é apenas aprender a ler e a escrever”, “alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar”, e a insuficiência de atividades e recursos que promovessem e ampliassem os significados de alfabetização, alfabetizar, alfabetizado, justifica-se o surgimento da palavra letramento. Nesse sentido, é necessário compreender que a alfabetização – conhecida como aquisição do sistema convencional de escrita, difere-se do letramento – concebido como desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso da leitura e escrita em práticas sociais.

Para Kleiman (2010), o conceito de letramento considera o uso e função da escrita no ambiente escolar. Ou seja:

Se aceitarmos que o letramento do aluno é a função primeira da escola, então é o letramento o princípio estruturador do currículo. O letramento é um conjunto de práticas discursivas que envolvem os usos da escrita; é fato que os discursos circulam em esferas da atividade humana e a escola é uma dessas esferas; segue-se então, que, na esfera escolar, circulam práticas sócio-históricas e culturais próprias dessa esfera de atividade, que carregam em si, tal como outras práticas, a potencialidade de transformação e mudança, à medida que a interação sofre transformações decorrentes de novas dinâmicas, novos atributos dos papéis sociais, novas tecnologias e ferramentas semióticas. (KLEIMAN, 2010, p.381)

É pertinente refletir sobre as práticas escolares e observar que a pluralidade cultural dos alunos deve ser levada em consideração, bem como olhar sensível a uma grande variedade de culturas já presentes na sala com a visão de mundo que cercam os estudantes e pensar na ideia de multiletramentos agregada à visão de letramento.

O conceito dos multiletramentos reporta-se aos discursos de estudiosos da educação, no início dos anos 1990, que buscavam estudar e pesquisar as múltiplas linguagens (multiplicidade semióticas e de culturas). Assim, um manifesto proposto pelo Grupo de Nova Londres (GNL), discutia o futuro social e interpretava o mundo por meio dos novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea. Segundo

Rojo e Moura (2012) os multiletramentos funcionam de modo interativo e colaborativo o que possibilita práticas educativas mais inteligentes e significativas

[...] eles são interativos, mais que isso, colaborativos; [...] fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos) [...] eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (ROJO; MOURA, 2012, p. 23).

Evidentemente, valorizar a grande variedade de culturas e possibilitar um estudo pautado nos avanços das novas tecnologias é papel da escola e neste contexto, os professores tendam a obedecer a esses modelos e isso os levam ao desafio de se apropriarem das novas práticas de ensino e agir colaborativamente e, ainda ampliar o vínculo com os estudantes nesse transitar de diferentes culturas.

Kleiman (2014) afirma que

As múltiplas práticas de letramento [...] contemporâneas exigem do leitor e produtor de textos cada vez mais competências e capacidades de leitura e abordagem da informação cuja interpretação (e produção) aciona uma combinação de mídias [...] e com uma concepção aberta e múltipla dos textos que circulam num contexto (KLEIMAN, 2014, p. 81)

Trata-se de uma proposta para o ensino de multiletramentos como um dos modos de inclusão bem sucedida na cultura da escrita que é sinônimo de contemporaneidade. Conseqüentemente, um evento de letramento pode ser realizado através da mobilização de diferentes recursos, saberes e significados de acordo com a situação. Por exemplo, escrever um bilhete de diferentes modos, diferenciando elementos de acordo a quem se refere, ao assunto que vai ser abordado no corpo do texto, entre outras tantas variáveis, confirmando assim, a ligação direta entre o letramento, as práticas sociais e o contexto sociocultural

Essas são as propostas que remetem à necessidade de refletir especialmente no ambiente escolar sobre as condições de leitura, produção e recepção dos textos nos diferentes eventos comunicativos de modo que o aluno seja capaz de desenvolver suas habilidades de agir como um sujeito que domina a linguagem.

3. A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO TRABALHO COM LETRAMENTO DE UMA PROFESSORA DOS ANOS INICIAIS

A pesquisa etnográfica valoriza os significados construídos pelos sujeitos diante dos contextos vivenciados em seu cotidiano (OLIVEIRA, EUGENIO, 2021). Diante disso, consideramos nesse relato concepções da docente atribuídas à formação continuada, pois a formação dos professores é um dos fatores mais relevantes para a discussão sobre a profissionalização docente e para a compreensão da situação atual da profissão de professor, corroborando com as ideias de Nóvoa (2009). Este autor ainda defende um sistema para formação de professores que considere:

(i) estudo aprofundado de cada caso, sobretudo dos casos de insucesso escolar; (ii) análise colectiva das práticas pedagógicas; (iii) obstinação e persistência profissional para responder às necessidades e anseios dos alunos; (iv) compromisso social e vontade de mudança. (NÓVOA, 2009, p. 18)

Deste modo, trata-se de afirmar a relevância da formação docente para a prática em sala, a docente afirma “eu fiz a pós-graduação [...] , especialização. [...] Foi muito importante, porque através dele me ajudou a desenvolver em sala de aula, com recursos lúdicos e outras atividades. Com base nessa afirmação, conclui-se que a formação possibilita ampliar os conhecimentos, “[...] também teve outra questão [...] isso contribuiu também [...] pra agregar no magistério[...] (Professora)

Alinhada a algumas premissas referentes à formação, sempre é bom e necessário refletir e buscar novos caminhos que nos conduzam a novos destinos (IMBERNÓN, 2010).

Destaca-se que a pesquisa envolve a descrição etnográfica e valoriza os significados construídos pelos sujeitos diante dos contextos vivenciados em seu cotidiano. Quando fala sobre as concepções do letramento, que segundo Soares (2021), são várias e heterogêneas as práticas sociais que envolvem a escrita em diferentes contextos, ou seja, em grupos sociais diversos, a docente relata que

Quando o aluno, ele desenvolve as habilidades, [...] competências pra ser alfabetizado de forma geral, conhecer o espaço onde ele vive...trabalho o letramento na sala, através do lúdico, através de textos informativos, gêneros textuais [...] outra coisa também que eu gosto de trabalhar é contação de história todos os dias, eu gosto de fazer contação de história, rodinha de conversa mesmo eles sendo alunos do 4º ano, eu acho muito importante essa

conversa inicial. Gosto muito de trabalhar com teatro, representações, jograis, por que isso ajuda na fala, na desenvoltura. (Professora).

Sobre as concepções atribuídas ao letramento, a docente aponta que prioriza o trabalho com diversificados gêneros textuais, tendo em vista o destaque para a aquisição da leitura e da escrita no processo de aprendizagem dos alunos, ainda reconhece que o uso da linguagem, neste sentido, por meio da leitura - atenderia a complementar habilidades suficientes para se aproximarem do conceito que reconheceriam tais ações como “práticas letradas”.

A docente colaboradora da pesquisa, ressalta que valoriza o trabalho com a leitura e escrita na sala de aula que são usados no cotidiano dos alunos. Deste modo, nota-se que o texto foi o eixo que possibilitou a articulação de letramento no desenvolvimento de suas aulas. Soares (2021) afirma que para alfabetizar letrando, de forma indissociável e simultânea, é necessário que se compreendam que

Os processos da aprendizagem da leitura e da produção textual que envolvem habilidades cognitivas e linguísticas necessárias à aquisição de objetos de conhecimentos específicos – as competências de leitura e interpretação e de produção de textos, em diferentes situações que envolvem a língua escrita – eventos de letramento. (SOARES, 2021, p. 38)

No relato da docente, identificamos uma intenção em aproximar o planejamento das aulas no cotidiano do aluno.

O maior objetivo é ele saber interpretar tudo, interpretar a vida, interpretar textos. Eu falo sempre para eles que quando eles sabem ler, sabem interpretar isso vai ajudar em todas as demais disciplinas. A matemática hoje exige muito a interpretação, vai fazer um cálculo, um problema, tudo exige [...], vocês não vão perder tempo, vocês vão usar o tempo de vocês pra vocês ler e entender o que o enunciado da questão está pedindo, então vocês não precisam de pressa,...] porque às vezes a resposta de uma questão tá dentro de um enunciado, então assim, a leitura ela vai ajudar de diversas formas, em diversas áreas de nossa vida, né? Em vários contextos. (Professora).

Em relação aos critérios utilizados para envolvimento dos alunos durante as aulas, a docente afirma que “mesmo sendo seriada, ela acaba se tornando multisseriada, heterogênea”. E segundo ela “ por mais que você tente trazer um conteúdo novo, mas você tem que pensar naqueles alunos que não foram

alfabetizados, principalmente depois dessa pandemia³". Ela tenta trabalhar com apenas uma atividade, porém, a dificuldade é acentuada, "Esses dois anos de pandemia, alguns não tiveram acesso às aulas online, muitos não tinham o celular, outros meios para acessar, então ficaram no prejuízo".

Sua narrativa remete-nos a um tratamento diferenciado aos discentes em função do contexto e das lacunas pedagógicas oriundas da pandemia. Tal atitude demonstra que a docente se vê diante da necessidade de diminuir o nível de exigência conceitual, se apresentando de maneira distinta para os diferentes grupos, ou seja, reorganiza as ações da própria prática pedagógica.

Quando se afirma que as práticas pedagógicas são práticas que se realizam para organizar/potencializar/interpretar as intencionalidades de um projeto educativo, argumenta-se a favor de outra epistemologia da Pedagogia: uma epistemologia crítico-emancipatória, que considera ser a Pedagogia uma prática social conduzida por um pensamento reflexivo. (FRANCO, 2016, p. 537)

Muitos debates sobre práticas pedagógicas em que o letramento está intimamente ligado, têm se desenvolvido de maneira a contribuir de forma relevante, para transformações significativas no ensino de Língua Portuguesa em turmas do anos iniciais do ensino fundamental.

Dessa forma, vê-se a necessidade de revisitar, refletir e reconstruir concepções sobre o letramento que consideram a importância do uso da leitura e da escrita em práticas sociais e não se limitando apenas à produção e interpretação de textos no cotidiano da escola. Nesse contexto, outra observação importante é sobre a seleção de conteúdos que a docente realiza durante os planejamentos. Ela pontua uma organização de atividades de acordo com as necessidades da turma.

[...] a semana passada [...] a gente trabalhou revistas em quadrinhos, eu faço um planejamento voltado pra aquilo ali, inclusive eu estou devendo a eles um filme. Então, eu faço uma sequência didática em cima disso. E eu vou trabalhando a leitura, quando por exemplo: se eu vou trabalhar receita, ainda não o fiz, mas eu tenho esse desejo e eles estão me cobrando, trazer o gênero textual e em cima do gênero a gente aplicar...trazer pra prática, pra realidade. E assim, eu procuro selecionar de acordo com o desenvolvimento da turma. (Professora)

³ Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.

Ainda sobre o uso do livro didático, faz parte da Coleção “Ilororó Português”, da Editora Moderna. A docente relata que o livro não é totalmente adequado ao contexto pedagógico da sua turma, “ele, tá um nível a mais do que os meninos, então a gente seleciona algumas atividades que dá pra ser trabalhada”. O destaque no relato da docente gira sobre os textos: “O de língua portuguesa, os textos são muitos extensos e o conteúdo dele é muito [...] a gente vê muita leitura, os textos enormes, interpretação, mas a gente não vê muito conteúdo pra gente aplicar em sala de aula.”

Com relação ao livro didático, Copatti, Andreis e Zuanazzi (2021, p.09) apontam que:

Para enfrentar esse desafio, o cuidado que se pode ter é entender que é o professor o autor da aula e que o livro deve ser usado por ele. Isso contribui para problematizar a performatividade, de encontro ao mero repasse do que chega e do modo como chega à sala de aula, denotando carência de discussão de seus conteúdos, de suas propostas e, ainda, dos atores implicados nessa política pública que chega à escola.

Por isso, vale destacar que, com base nas experiências já vivenciadas pela docente acerca da presença desse recurso nas aulas, que é um dos materiais didáticos mais utilizados e acessível aos estudantes, bem como as implicações que tem no contexto escolar, usa-se o livro didático de forma seletiva, de acordo com as atividades planejadas e também com as condições pedagógicas evidenciadas pela turma. Segundo Costa (2019, p. 65), é relevante entender que o livro didático não é o detentor dos saberes.

Perguntamos à docente sobre como seleciona e organiza os conteúdos de Língua Portuguesa a serem trabalhados com seus estudantes. Segundo ela:

Eu organizo de acordo com os eixos da BNCC. Eu procuro fazer essa organização, antes disso eu tinha um pouco de dificuldade, mas depois que já vem tudo esquematizado, pra gente é mais fácil aplicar os conteúdos, fazer essa organização. Eu procuro utilizar de acordo a BNCC, os eixos temáticos. (Professora).

O trecho acima da entrevista com a professora evidencia o papel atribuído à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em sua prática pedagógica cotidiana no interior da sala de aula. A BNCC acaba por orientar a conduta docente, situação também analisada por Costa (2019) em sua pesquisa sobre o livro didático no currículo do ensino fundamental.

Ao ser questionada quanto ao lugar ocupado pelo livro didático em suas aulas, bem como se é adequado para a escola quilombola, ela afirma que “não” e reitera que, “eu tenho um pouco de dificuldade com esse livro. Eu acho ele um pouco complicado, o de matemática eu até utilizei mais, mas o de português, os textos são muito extensos, ele não tem muito conteúdo. Pra escola quilombola, não” (Professora).

Neste sentido, é preciso ampliar o debate sobre a temática das relações étnico-raciais no Brasil. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola preconizam, dentre outros objetivos, “que as escolas quilombolas e as escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas considerem as práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas, bem como os seus processos próprios de ensino-aprendizagem[...]” (BRASIL, 2021, p. 4).

Contudo, no cotidiano da escola pesquisada não identificamos articulação entre as atividades curriculares de Língua Portuguesa com os conteúdos relacionados à produção de textos, gramática e oralidade com os saberes socioculturais da comunidade quilombola.

Ao relatar sobre o planejamento de suas aulas, a professora nos apontou que “Eu faço planejamento diário. Antigamente eu fazia semanal, eu dividia por ponto: primeiro momento, segundo momento”. Libâneo (2007) pontua que o planejamento diz respeito à atividade de previsão da ação a ser realizada. A professora afirma que realiza esta ação rotineiramente e reconhece o sucesso para as esferas pessoal e profissional.

Planejar é super importante, se você não planejar, você vai pra sala, fica perdido sem saber o que vai trabalhar, então, eu acho que é um ponto crucial do professor em sala de aula é o planejamento, você planejar, se organizar. Na vida, você só consegue tudo o que vai fazer, se planejar. E quando não há planejamento não dá certo. (Professora).

Neste sentido, se faz necessário partir da concepção de que:

O termo “planejamento” é muito ambíguo, mas no seu uso trivial ele compreende a ideia de que sem um mínimo de conhecimentos das condições existentes numa determinada situação e sem um esforço de previsão das alterações possíveis dessa situação, nenhuma ação de mudança será eficaz e eficiente, ainda que haja clareza a respeito dos objetivos dessa ação. (PADILHA, 2001, p. 30)

Assim, no processo do trabalho com o letramento e os eventos de letramento, considerando as dificuldades pontuadas pela docente, é necessário definir ações, atividades que podem ser realizadas por toda a turma, de maneira planejada e sistematizada.

Na fala da professora, no que tange às questões do Programa Educar pra Valer (EPV), assim acontece: “Eu estou gostando, inclusive eu até já pontuei sobre esse material do educar pra valer. Eu sempre pontuei essa questão do material de fluência porque não existia. E esse material, pelo menos eu não conhecia, pois eu era da educação infantil, mas, pra mim, é um material riquíssimo (Professora).

O Educar Pra Valer é um programa da Associação Bem Comum, uma organização sem fins lucrativos, que conta com o apoio da Fundação Lemann. Em 2017 foi efetuada uma parceria com a Fundação e o Programa Educar para Valer visando a melhoria dos índices de desenvolvimento da educação básica (IDEB). No município, com a implementação do EPV, identificamos indícios da nova gestão pública (NGP) na rede municipal, verificada principalmente por meio da intensificação das parcerias público-privadas e o estabelecimento de novas relações entre Estado, mercado e sociedade, conforme pontuam Vieira, Santos (2020) e um controle do trabalho docente.

As avaliações externas e a produção de materiais específicos são estratégicas para o funcionamento da NGP. Segundo a professora entrevistada, “peguei um material de fluência para trabalhar agora à tarde, eu vou pegar um desses textos aqui pra eu ler com os meninos do 2º e do 3º ano”. O material a que a docente se refere é do Os aspectos pedagógicos do material de fluência do Programa EPV é de acordo com o ano de escolaridade, “esse aqui já é do nível do 4º ano mesmo”. A leitura com fluência significa “reconhecimento rápido e correto de palavras, ritmo e entonação adequados, o que depende da compreensão do texto” (SOARES, 2021, P. 246).

Como é apontado, o Programa EPV disponibiliza materiais, cadernos do aluno do 1º ao 5º ano de turmas regulares – nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, bem como um caderno para treino de fluência. A docente aponta questões relevantes para a efetivação de uma prática pedagógica que contribua para o aprendizado dos estudantes, dentre elas: o trabalho com gêneros textuais, formação

continuada, materiais estruturantes, legislação e a rotina de sala de aula numa perspectiva emancipatória. Compreendemos que se os anseios e os desafios evidenciados pela professora, caso sejam de fato potencializados e discutidos, contribuirão para uma reflexão sobre a prática pedagógica pautada nos pressupostos da educação escolar quilombola e propiciarão o letramento dos discentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados da pesquisa apontam para a presença de diferentes elementos para que a docente construa sua concepção de letramento, a exemplo da formação continuada, do livro didático e dos saberes produzidos ao longo da docência.

O livro didático, os cadernos de atividades e materiais do EPV ocupam lugar privilegiado no desenvolvimento das aulas e são definidores do currículo e da prática pedagógica. Ainda nesse contexto, observamos a influência das avaliações externas como um dos delimitadores da ação docente que influenciam diretamente a autonomia docente no processo de seleção e organização dos conteúdos, conforme verificamos com o uso do material estruturado Educar pra Valer.

A docente trabalha com diferentes tipos de textos em sua prática curricular, contudo, não há uma vinculação do trabalho com o letramento e os pressupostos da educação escolar quilombola.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. E. D. Pesquisas sobre a escola e pesquisas no cotidiano escolar. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 133-145, 2008.

ANDRADE, Maria E. B. de; ESTRELA, Sineide Cerqueira. A concepção de Alfabetização e Letramento na Política Nacional de Alfabetização (PNA): entre tropeços e retrocessos. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 21, n. 69, p. 846-873, abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/26944>. Acesso em 10 mar. 2023.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define **Diretrizes**

Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. 1. ed. Brasília, DF, 5 jun. 2012.

CAED (Juiz de Fora) (org.). **Educar pra Valer.** Disponível em: <https://educarpravalor.caedufjf.net/>. Acesso em: 07 nov 2022.

COPATTI, Carina; ANDREIS, Adriana Maria; ZUANAZZI, Luzia Cleonir Colla. Olhares ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático: Relações entre Estado, mercado editorial e os livros didáticos na escola. **Perspectivas em Políticas Públicas**, Rio Grande do Sul, v. 14, n. 27, p. 1-35, jun. 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/revistappp/>. Acesso em: 06 nov. 2022.

COSTA, Rosivânia de J. **O ensino de História das Áfricas e o livro didático:** discursos, representações e o governo da conduta docente. 120f. Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

EUGÊNIO, Benedito. Práticas curriculares em uma escola de ensino médio no Estado da Bahia. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 42, n. 1, p. 57-72, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/21950/pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

EUGÊNIO, Benedito. A etnografia e o estudo da cultura da escola. **Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 7, n. 2, 2018.

EUGÊNIO, Benedito. **Políticas curriculares para o ensino médio no Estado da Bahia:** permeabilidades entre contextos e a cultura da escola. 2009. 196 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

FORTES, Maria Auxiliadora Soares et al. Planejamento na prática dos professores: entre a formação e as experiências vividas. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 2, n. 2, p. 1-10, jun. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/136861/Downloads/1269-4707-1-PB.pdf> . Acesso em: 06 nov. 2022

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, n. 247, p. 534-551, dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/s2176-6681/288236353>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdr7RQjJVSPzTq/?lang=pt> . Acesso em: 06 nov. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Continuada de Professores.** Tradução Juliana dos Santos Padilha Porto Alegre: Artmed, 2010.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se a mudança e a incerteza**. Tradução Silvana Cobucci Leite. 9. Ed. São Paulo Cortez, 2011.

KLEIMAN, Angela. **Letramento na contemporaneidade**. Bakhtiniana, Campinas, p. 72-91, dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/FTQrQN9BZ7mpPkcvtmBRWHj/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 05 nov. 2022.

LIBÂNEO, José Carlos. **A organização e a gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2007.

MARCHI, Rita de Cássia. Pesquisa Etnográfica com Crianças: participação, voz e ética. **Educação e Realidade**, Blumenau, v. 43, p. 727-746, jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/R4STDdtdDZ7dJqLv3x9V4y/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 30 out. 2022.

MINAYO, Maria C. DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

NOVOA, António. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Relgráfica Artes Gráficas Lda., Benedita, 2009. 96 p.

OLIVEIRA, Amurabi. Por que etnografia no sentido estrito e não estudos do tipo etnográfico em educação? **Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, p. 69-81, jul. 2013.

OLIVEIRA, Andrea S.; EUGENIO, Benedito. O ensino de Língua Portuguesa no currículo de uma escola quilombola dos anos iniciais. **Lingu@ Nostr@**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 2, p.100–132, jul/dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/Inostr/article/view/13093/7801> . Acesso em 19 dez. 2022.

PADILHA, Paulo R. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editora, 2012.

SILVA, Wilker Solidade da. A pesquisa qualitativa em educação. **Revista de Educação**, Dourados, v. 2, p. 109-112, jun. 2014.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1.ed.,^{3ª}

reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

VIEIRA, Livia M. F.; SANTOS, Kildo A. Nova gestão pública na educação básica no Brasil: parceria público-privada, esfera local e trabalho docente. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, vol.29, n.03, p.226-250, set/dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/56108/32030>. Acesso em 10 abr.2023.

Recebido em 08/08/2023

Versão corrigida recebida em 12/10/2023

Aceito em 20/11/2023

Publicado online em 13/12/2023